

Maria Francisca Teresa: três livros para crianças, três instrumentos pedagógicos e doutrinários

THIERRY PROENÇA DOS SANTOS

Universidade da Madeira/Centro de Tradições Populares Portuguesas
(CLEPUL-FLUL)
(Portugal)

RESUMO:

Além de um enquadramento histórico e literário da obra de Maria Francisca Teresa destinada à infância, propõe-se, neste artigo, uma leitura dos seus três livros –*Em Casa da Avó -na Ilha da Madeira*, editado em 1923, *Como Chica Conheceu Jesus*, datado de 1925, e *O Querido Tio Gustavo*, do mesmo ano– apontando-se a intencionalidade didática e o enquadramento ideológico da autora no âmbito da criação de uma literatura para a infância em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Francisca Teresa; Narrativa para Crianças; Diálogo de Ficção; História da Literatura para a Infância em Portugal.

ABSTRACT:

While providing a historical and literary framework for Maria Francisca Teresa's work for children, this article proposes a reading of her three books –*Em Casa da Avó -na Ilha da Madeira* (1923), *Como Chica Conheceu Jesus* (1925) and *O Querido Tio Gus-*

tavo (1925)– which points to her didactic intentionality and ideological framework in the context of creation of a literature for children in Portugal.

KEYWORDS: Maria Francisca Teresa; Children’s narrative; Fiction Dialogue; History of Children’s Literature in Portugal

Data de recepção: 22/02/2013

Data de aceitação: 28/10/2013

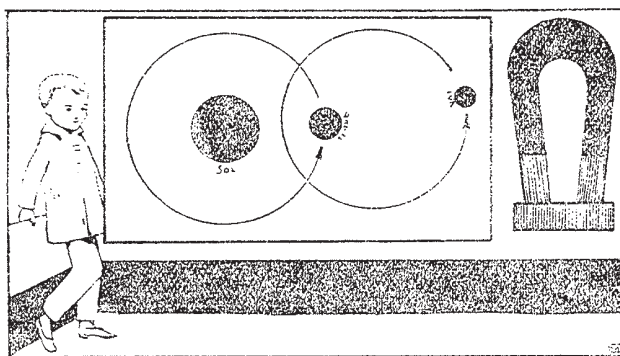
No contexto da literatura portuguesa para a infância do primeiro quartel do século XX, os três livros de Maria Francisca Teresa (1871-1964), pseudónimo de Laura Veridiana Castro Soares, inscrevem-se na linha dos textos que se adequam à realidade cultural do seu país. Com efeito, as suas narrativas vão apelar, como era prática corrente das autoras de ficção infantil da época, a um realismo quotidiano que instala a criança num universo que ela conhece e com o qual se encontra familiarizada. A intencionalidade didática da escritora revela-se nas situações e diálogos ilustrativos dos princípios ideológicos das famílias favorecidas desse período, com discursos de pendor moralizante, onde se faz uma apologia das virtudes cristãs, visando moldar a consciência e o carácter dos jovens.

As obras *Em Casa da Avó -na Ilha da Madeira*, editada em 1923, *Como Chica Conheceu Jesus*, datada de 1925, e *O Querido Tio Gustavo*, do mesmo ano, apresentam, no seu frontispício, a menção «livro para crianças». Dos três volumes, apenas o segundo não é ilustrado. A primeira monografia contém 27 pequenas gravuras e a última 7, todas elas a preto e branco e da autoria de Emanuel Ribeiro,¹ insertas no desenrolar do texto, com o propósito de, em regra, traduzir pictoricamente a cena correspondente.

1 Sobre as ilustrações insertas nos dois livros de Maria Francisca Teresa, partilhamos da apreciação formulada por António Ribeiro Marques da Silva (1996: 109): Emanuel Ribeiro é um «interessante desenhador», «às vezes de traço débil, mas muito semelhante ao grafismo do Modernismo Português dos anos vinte».

Como os títulos sugerem, a tónica aponta para a relação privilegiada entre pessoas de idade (a avó e o tio Gustavo), a criança (Chica) e o modelo de inspiração divina (Jesus), estabelecendo correlação entre jogos e ensinamentos, perguntas e respostas, histórias e experiências. A crença comum na possibilidade de se educar a criança por meio de exemplos e de bons conselhos fundamenta o conteúdo e o estilo das cenas dialogadas, com um toque de moralidade, humor e carinho. Os livros visam, deste modo, abrir o espírito da criança à confiança na força do bem e alimentar-lhe a imaginação, quer com contos e lendas da tradição quer aludindo a novas máquinas como os aeroplanos, o *kodac* e o malogrado vapor Titanic. No que diz respeito à transmissão de conhecimentos, o discurso ficcional investe no estudo do Meio,² nas regras de civilidade, na doutrina católica, bem como na sugestão de uma lista de leituras recomendadas.

Focalizando-se nas atividades e nos centros de interesse das crianças protagonistas, os livros apresentam histórias encaixadas com efeito intertextual, situações e incidentes de um universo infantil privilegiado, inspirados provavelmente na infância da autora, na dos seus familiares ou daqueles que fizeram parte da sua *entourage*, assim como comportamentos e atitudes que a escritora propõe como exemplares.



Em Casa da Avó (p. 268) O desenho representa o satélite da terra.

2 À semelhança do que fizera Virgínia de Castro e Almeida nos seus primeiros livros, com o objetivo de instruir as crianças de modo divertido, o primeiro livro apresenta noções científicas. A autora não voltaria a fazê-lo nos seus outros livros.

Ligado por laços familiares à escritora Maria Francisca Teresa, aliás Laura de Castro Soares, o Visconde do Porto da Cruz (1890-1962),³ tendo dela memórias de mocidade, bem como do meio em que a autora evoluiu, retrata-a do seguinte modo (Porto da Cruz, 1953: 61-62):

[C]asou com o escritor e jornalista, de Aveiro, Feliciano Soares. § É uma escritora especialmente devotada a temas católicos (...).§ Já nos seus tempos de rapariga se distinguia D. Laura de Castro pela sua ilustração e saber. Coursou com brilhantismo o Liceu, numa época em que raras raparigas tomavam tal decisão. Convivia no Funchal com um núcleo selecionado de senhoras muito lidas, viajadas e que mantinham o culto das artes e da literatura e onde se distinguia D. Luiza Grande. § Durante as suas estadias em Lisboa, privava com intelectuais e artistas que encontrava em casa de sua prima, a eminente escritora que foi D. Virgínia de Castro e Almeida e de D. Maria Amália Vaz de Carvalho, de quem era amiga. (...). § Traduziu *A Cidade Eterna* e *O Apóstolo* de Hall Caine. (...). Na imprensa católica tem D. Laura de Castro Soares interessante colaboração.

À luz destes dados, podemos situar esta escritora «naquele movimento que esteve na origem do segundo grande fôlego da história descrita para a infância em Portugal», de acordo com a periodização proposta por José António Gomes (2010: 10). Transitando do século XIX para o século XX, Maria Francisca Teresa vai evoluir nesse período «compreendido entre 1900 e os finais da década de 30 [que] constitui, em termos de qualidade e diversidade estética, a verdadeira época de ouro da literatura para crianças em Portugal» (*ibidem*). Mulher da elite burguesa letrada⁴ e prima de Virgínia de Castro e Almeida, com quem convivia, Maria Francisca Teresa participou nesse movimento empe-

3 De seu nome Alfredo António de Castro Teles de Meneses de Vasconcelos de Bettencourt de Freitas Branco.

4 Já a entrar no período da censura institucionalizada, o Diário de Notícias, do Funchal, então dirigido pelo escritor e jornalista Feliciano Soares, avança com um suplemento quinzenal chamado «Notícias Infantil», coordenado por sua mulher, Laura de Castro Soares, no lapso de tempo que medeia outubro de 1927 e as vésperas da Revolta da Madeira (1931). Esse suplemento infanto-juvenil contém anedotas, adivinhas, poesias e sugestões de leitura.

nhado na criação de uma moderna literatura para a infância, seguindo uma linha de pensamento aberto a uma pedagogia inovadora, mas defensor dos valores sociais e religiosos tradicionais. Além do mais, o pseudônimo adotado, Maria Francisca Teresa, parece reenviar para a então popularmente conhecida Santa Teresinha de Lisieux, nascida Marie Françoise Thérèse Martin, estabelecendo-se, assim, um forte vínculo espiritual católico.⁵

Os livros de Maria Francisca Teresa reduzem a vida à descrição do quotidiano, firmado nos hábitos mais significativos das personagens (modo de expressão verbal, organização doméstica, convívios, passeios, visitas, festas, refeições, roupas, adereços e decoração da casa, entre outros), figurando, assim, traços essenciais da existência da classe alta da sociedade portuguesa nos alvares do século XX. Por via das narrações, descrições e extensos diálogos, os protagonistas prestam-se a adotar um comportamento exemplar face a modos rudes ou desprovidos de boa intenção, justificando o papel social das famílias de elite, a quem incumbe a responsabilidade de ilustrar o país.

Essa valorização dos aspetos da vida privada das personagens revela-se através da seguinte divisão do tempo: os momentos de convivência familiar, as horas de estudo (as crianças de *O Querido Tio Gustavo* têm, por exemplo, explicações de Inglês) e as horas de lazer. Se os familiares mais chegados das crianças protagonistas representam sempre caracteres de irrepreensível boa educação moral, tal não as impede de contatar com personalidades fisicamente diminuídas ou de feitio nem sempre fácil: uma «criança-velha», um idoso numa cadeira de rodas, uma sexagenária quase surda e desconfiada, relativamente às quais se espera dos jovens compreensão e paciência. Aquando desse cenário, a escritora contrapõe situações com desfecho cómico que visam aliviar a tensão do jovem público leitor, a exemplo da cena da noite de Natal passada em casa da prima Rita, na companhia de senhoras de idade: uma mesurada (a avó), outras tagarelas e aquela outra surda e taralhouca,

5 A corroborar esta possibilidade, note-se a cena em que a personagem de *O Querido Tio Gustavo* chamada Miss oferece à Marta, no dia da sua primeira comunhão, um retrato de Santa Teresinha: «Miss –Dentro do livro está um retrato de Santa Terezinha, com uma relíquia; é a minha pequena oferta, desculpa... § Marta –E não é pequena, Miss! Gosto tanto de Santa Terezinha... Como ela está bonita...» (1925: 158).

representativa do ridículo da velhice (1923: cap. VII). No que toca aos tempos livres, ficamos a saber que os meninos em foco frequentavam o «Jardim da Estrela» em Lisboa e que, na Madeira, os jovens de boas famílias praticavam ténis. De resto, as meninas brincam com bonecas, os rapazes entretêm-se com o diavolo,⁶ com os jogos da berlinda, do gigante e do ferrolhinho. Quando é permitido às crianças de ambos os sexos estarem juntas, divertem-se com jogos de sociedade, tais como representações teatrais e disfarces, dominó e baralho de cartas (ao «burro» e ao «diabrete»), charadas figuradas ou loto com prémios. Quando se encontram ao ar livre, organizam piqueniques, fazem jardinagem no quintal, jogam às escondidas, contactam com cães, caçam borboletas, dão um passeio a cavalo ou de burro.

Em contrapartida, e apesar de os protagonistas apreciarem o artesanato e certas tradições na perspetiva de quem valoriza traços da sua identidade cultural, aferimos uma quase ausência de costumes das camadas populares, nomeadamente as de origem rural. A essas personagens são atribuídas funções servisais. Além disso, a escrita de Maria Francisca Teresa não está isenta de preconceitos raciais e culturais, relativamente ao sotaque de madeirenses humildes, a meninos pobres trigueiros ou à comunidade cigana.⁷ Neste sentido, as suas narrativas fazem eco, nunca de forma proposital, de desníveis sociais profundos existentes na Madeira e em Portugal, reveladores das mentalidades da época.

Nos dois primeiros livros, a autora encena os mesmos protagonistas, como se de uma série se tratasse. Faz uso da técnica narrativa do gancho, ao recuperar um momento do último capítulo de *Em Casa da*

6 Jogo que consiste em fazer equilibrar o pião, realizado habitualmente num recanto do jardim.

7 A este respeito, note-se ainda o reconto que o tio Gustavo faz da lenda dos Reis Magos, revelador do preconceito dominante que estabelece uma hierarquia racial segundo uma classificação pela cor da pele e pela tendência comportamental a ela associada, embora se sublinhe que «se não deve desprezar as raças diferentes da nossa» (1925: 169): no escalão mais baixo está colocada a raça negra («Tu não és mau, és ignorante. (...) Deves deixar de comer gente, debes proibir que os teus vassallos a comam e, sobretudo, não maltrates os que governas», p. 170), no patamar acima virá a raça amarela, derivando dela a vermelha, («Não te escondas do teu povo. Não acredites que só tu e a tua raça possuem toda a sabedoria da terra. Olha pelos pobres, que são numerosos no teu país... Repara que lhes não deem a comer arroz que não presta», p. 171), e, por fim, a raça branca («Não faças guerras injustas. Desconfia dos prazeres que tornam o coração insensível. Inventa leis boas e faze com que ninguém seja maltratado no teu reino», p. 172).

Avó, ligando-o à abertura da nova história, *Como Chica Conheceu Jesus*. No final da primeira narrativa, o João, antes da viagem de regresso ao continente, pede à tia Valentina uma pequena anoneira que cresce na horta (1923: 352); na cena inicial do segundo livro, no jardim da casa dos pais, em Lisboa, Chica, desastrosamente, arranca a anoneira, ao confundi-la com ervas daninhas (1925: 7-8). Do primeiro livro para o segundo decorrem quase vinte anos entre o cenário de inícios de 1900⁸ e o Natal de 1920, mas obliteram-se apenas dois anos na vida dos petizes: a Chica, que tinha três anos, tem agora cinco, o João, então de oito anos, surge com dez, e o Manuel passa dos nove para onze anos.

Em *O Querido Tio Gustavo*, a escritora apresenta uma nova família. O protagonismo recai sobre uma mãe viúva, chamada Margarida, os seus quatro filhos, Vasco (15-16 anos, a cursar o Liceu), Duarte (7 anos), Jorge (10 anos) e Marta (9 anos) e, como anunciado pelo título do livro, o tio Gustavo, tio-avô dos meninos. Vasco, o mais velho, cujo perfil se associa ao do morgado, é o sobrinho preferido e como tal será o seu herdeiro.

Os três livros caracterizam-se por via da intersecção de um conjunto de cinco fatores literários, que, cruzados e unificados, individualizam a obra de Maria Francisca Teresa como um todo coeso: a representação da família burguesa tradicional; o carácter das personagens principais; a predominância do diálogo de ficção como mediação de valores e modo de legibilidade; a defesa e ilustração de um ideal católico e, finalmente, a importância de contar histórias para as crianças e do contacto que elas devem ter com os livros. Partindo de uma abordagem temática centrada nas pesquisas atuais da área de História Cultural, nomeadamente da Leitura e do Leitor, tal como a concebe Roger Chartier (1996 e 1999), passamos a desenvolver as supracitadas linhas de força da sua obra, num exercício de releitura crítica da escrita para crianças dessa autora.

A representação da família tradicional da elite nacional

8 No final do livro, em nota pós-textual, lê-se: «Este livro não é de hoje. Foi escrito, há já alguns anos. Refere-se à Madeira de 1900. Resolvi-me a publicá-lo, na esperança de que ainda possa interessar as crianças d'agora. M.F.T.».

A *família burguesa* (e aristocrática) surge nos livros de Maria Francisca Teresa como o núcleo central da vida das personagens: nos seus textos, entre a personagem individual e os modelos sociais apresentados estatui-se, invariavelmente, a família como a grande instituição social mediadora, a quem compete formar e moldar os mais novos, com recurso a bons exemplos e a punições, quando necessário.

Deste modo, poderíamos identificar estes livros com «narrativas da vida em família». De facto, as suas personagens transitam do primeiro livro para o segundo e é no seio da ação familiar que se afirma o sentido individual de vida das crianças protagonistas. Cada membro deve esforçar-se para que a família viva em harmonia. Se é certo a família configurar um contexto de afetos, os relacionamentos interpessoais devem reger-se por um conjunto de formalidades. A autora não permite que os meninos em foco se deem a conhecer individualmente ao leitor, revelando os seus anseios ou desabafos através de um monólogo ou de um fluxo de consciência. Estão em permanente interação com outras personagens e sob a tutela de alguém crescido que tenta preveni-los de cometer quaisquer excessos de ação e linguagem.

O modelo narrativo adotado encena um grupo de irmãos, rapazes e uma menina, de uma família que vive em Lisboa ou nos seus arredores. O quadro em que os meninos –em regra, dóceis, amáveis e curiosos– evoluem corresponde ao padrão burguês, de segurança e fartura, mas onde se cultiva a estrita economia. Vivem numa propriedade com casa confortável e jardim privado, integrados numa família estendida, com primos, tios e uma avó. São educados para pertencer à elite: neles se desenvolve a autoestima, o princípio da bondade e o sentido de responsabilidade social na perspetiva cristã.

O texto evidencia o importantíssimo tema do dever parental face à educação dos filhos, que recai sobretudo sobre a mulher: a mãe, a tia solteira, a madrinha, a *miss* (espécie de preceptora) ou a serviçal. Ao pai, provedor material, cabe sustentar a casa, à figura materna cuidar dos filhos e do lar. A casa com jardim apresenta-se como um espaço seguro, onde a mãe e os seus filhos permanecem a maior parte do tempo. A figura paterna está praticamente ausente; nas fugazes aparições que faz

nos dois primeiros livros nunca lhe é dado o uso da palavra. Compete à mulher organizar e zelar pelo dia-a-dia da casa e das crianças. Note-se que essa condição feminina afigura-se como interiorizada e assumida por quem a exerce.⁹

Cada livro ancora o seu propósito numa abordagem sociocognitiva, oferecendo modelos de entendimento e de conduta face a determinadas situações do quotidiano carecidas de uma atitude pedagógica quer para os adultos empenhados na formação das crianças, educando-as para se tornarem capazes e autónomas, quer para os jovens leitores que poderão identificar-se com os protagonistas. Projeta-se, no fundo, uma teoria da interação social por via da exposição de bons e maus exemplos, ou seja, um modelo de (boas) maneiras no viver da interdependência, que implica uma censura moral difusa e um autocontrolo emocional por parte dos protagonistas.¹⁰

A primeira narrativa, *Em Casa da Avó*, visa dar a conhecer aos protagonistas (e aos jovens leitores que poderão rever-se neles) a grande família a que pertencem (e da qual se devem orgulhar). A autora propõe uma «narrativa de descoberta» da Madeira de inícios de novecentos protagonizada por três crianças lisboetas durante as férias de Natal. A ficção infantil configura uma temporada no espaço insular com princípio, meio e fim, perspetivada segundo o modelo de uma experiência formadora pela integração na família. De surpresa em surpresa até ao final das férias, esta estância proporcionar-lhes-á não só o descortinar de outras realidades, costumes e até culturas,¹¹ como também a convicção de que a estima e o afeto recíprocos prevalecem nos laços familiares, independentemente da disseminação dos seus membros por uma vasta geografia.

9 A este propósito, António Ribeiro Marques da Silva observa que a tia Valentina, «a sacrificada filha solteira que trata da mãe doente e velha», «é a primeira a dizer que isso é justo, pois um irmão está em Lisboa, a outra irmã casada tem os filhos para tratar e até uma neta, já rapariguinha, deve ser dispensada visto ser ainda muito nova.» (Silva, 1996: 109).

10 Esta reflexão deve muito à nossa leitura do ensaio *La Civilisation des mœurs* de Norbert Elias.

11 Como repara António Ribeiro Marques da Silva: «Possivelmente o mais importante, neste livro é o que revela da profunda influência e o domínio dos ingleses, na Ilha. (...) Há um grupo de pequenos ingleses amigos dos lisboetas e madeirenses, mas frequentemente, em conflito.» (Silva, 1996: 109).

Ilustração 2



Capa do livro *Em Casa da Avó na Ilha da Madeira*

Neste contexto, não faltarão apontamentos que surgem com uma dupla intenção: a de educar para as boas relações interpessoais e a de afirmar o sentimento patriótico, através do seu passado histórico, da sua diversidade geográfica e, claro está, da defesa do brio nacional.

No segundo livro, *Como Chica Conheceu Jesus*, refere-se, pelo menos três vezes, à família que os jovens têm na Madeira e cujo contacto foi descrito e relatado no livro anterior: o João e o Manuel vão querer armar uma lapinha como a que tinham visto na casa da prima Rita, na Madeira (1925: 16); a Chica comeu às escondidas as duas latinhas de batatada que a avó enviara da Ilha (1925: 35); e, em vésperas de Natal, a mãe comprou presentes para os pequenos mandarem aos primos e à tia Valentina que vivem no Funchal (1925: 21).

O propósito deste livro, como o título indica, é o de dar a conhecer Jesus e o de consagrar o triunfo da Chica, uma vez que no livro anterior a personagem se revelara um tanto travessa e «queixinhas». Trata-se de uma narrativa em que a voz do texto faz do seu ofício um apostolado. A sucessão de cenas dialogadas no decurso de cerca de um ano vai permitir passar em revista o credo e o imaginário da fé católica, visando a preparação de uma menina bem-nascida para um dos sacramentos, a Primeira Comunhão: os pecados mortais, o paraíso (Adão e Eva), a Santíssima Trindade, o Reino dos Céus, as Tábuas da Lei (Moisés), os sete sacramentos, o anjo da guarda, o exame de consciência, a pastorinha de Lourdes (Bernadette Soubirous), a confissão e a penitência, a Última Ceia e a história de Tarcísio, o pequeno mártir, constituem o conjunto de conceitos e de narrativas que deverá enformar o ser e o estar da rapariguinha. Daí se depreende que a autora encara a criança como um ser imperfeito e incompleto que pode e deve ter os seus instintos convertidos em virtudes. O culminar da narrativa, no capítulo XV, descreve o dia da Primeira Comunhão de Chica (maio 1921) e conclui com a enunciação de seis regras de vida para prosseguir-la na «doce companhia de Jesus»: rezar a oração da manhã, programar as tarefas do dia, com o fito de ser sempre agradável com todos, fazer o exame de consciência antes de dormir, nunca faltar à missa, ir à confissão uma vez por mês e evitar fazer o que Deus Proíbe.

O Querido Tio Gustavo pode ser interpretado como um livro que encena uma família marcada por uma «lacuna» no seu agregado (a clássica condição de órfão, no caso vertente, de pai) e pela presença de um «simpático idiota», o tio Gustavo. O que, à partida, poderia ser visto como *handicaps* socioculturais potencialmente perturbadores para a vida das personagens, revela-se improcedente, porque, ao aceitarem a diferença do Outro com resignação e amizade, ao adotarem o papel que se espera de cada um, as atitudes e comportamentos regidos pela crença nas virtudes cristãs não deixarão de ser recompensados.

Por via da viuvez da mãe dos protagonistas, situação potencialmente dificultadora do ponto de vista social, os jovens evidenciam um estado mental sereno e altruísta, em comunhão com o seu mundo e a sua natureza, mas educados para desenvolver o tal sentido de responsabili-

dade de maneira a não contrariar o esforço da mãe na gestão dos bens e dos interesses da família seja quanto à manutenção do estatuto social seja quanto à realização pessoal dos filhos.

No epílogo, que descreve o casamento de Marta, passados dez anos da ação central da narrativa, o leitor é informado do que o futuro lhes reservou: Vasco, o primogénito, quanto à sua realização individual, irá conquistar o lugar que lhe é predestinado por nascimento: é oficial de cavalaria, casa com Luísa (a filha do primo Miguel, «em casa de quem [viveu] durante os meses em que frequentava o Liceu, em Lisboa», 1925: 97) e herda os bens do tio Gustavo; Jorge, que segue o curso de agronomia, está «na idade de se preocupar com o número e qualidade das gravatas, com o penteado e com a opinião que as raparigas possam ter dele» (1925: 236); Duarte está na «idade ingrata», não perdeu «a mania de discutir» e «quer ser escritor» (*ibidem*). Marta perfila-se como a esposa ideal para Pedro, o filho da madrinha de Vasco e o melhor amigo de Duarte, que, por ser bom aluno, fez depressa o curso de agronomia, de modo a poder «dedicar-se à direção das propriedades do pai, para o que tem grande jeito» (*ibidem*). Este enlace parece configurar a consequência natural de uma realização amorosa recatada, constituindo-se como o prolongamento do saber ser e estar da mãe, Margarida.

O Querido Tio Gustavo apresenta-se, ainda, no conjunto da obra de Maria Francisca Teresa, como o livro mais grave na medida em que se institui como o da morte e do legado —é referido no início do romance que a mãe dos meninos ficou «viúva muito nova». O tio Gustavo revela consciência da aproximação da morte e, nas últimas páginas, é mencionada a doença que o incapacitou nos seus últimos meses de vida. A sua morte será um grande desgosto para todos, particularmente para o Vasco. A voz do texto lembra, assim, que a morte representa uma contingência de vida comum às personagens e aos leitores, sendo que apenas a esperança cristã permite ultrapassar quer a angústia da perda quer a da fuga do tempo.

O caráter dos protagonistas como traço literário de relevo

Criando personagens acabadas e sempre integradas numa linhagem familiar, os livros de Maria Francisca Teresa estatuem-se como epi-

sócios da vida de uma família, cujos momentos altos serão o encontro com membros do seu círculo de confiança nas férias, num aniversário, no Natal, numa comunhão ou num casamento. Essa família está apostada em educar convenientemente as suas crianças: entre o pequeno ser de hoje e o ser de amanhã desenha-se então uma prática educativa. Como nos livros de Virgínia de Castro e Almeida ou até nos da Condessa de Ségur, cujos modelos narrativos parecem ter inspirado a autora em apreço, os movimentos diegéticos aludidos não influenciam de modo determinante as personalidades individuais, não existindo uma relação mecânica entre as situações com que se depara a personagem individual e as características psicológicas desta.

Trata-se de personagens com claras referências morais que representam a sua condição infantil: as mais travessas conseguirão corrigir-se dos pequenos defeitos que não controlam, por via da compreensão crítica dos mais crescidos e dos adultos; os pré-adolescentes e adolescentes comportam-se já como modelos, mostrando aos mais novos os bons caminhos. De um modo geral, como repara Paule Constant a respeito da obra da Condessa de Ségur, a tensão dos enredos «assenta na espera impaciente do castigo ou na busca apaixonada da recompensa»,¹² em cujo movimento oscilatório se define a existência das crianças em foco.

Quanto aos meninos que protagonizam a série, eis os traços gerais que os caracterizam: Manuel e João são ambos curiosos e aventureiros. Manuel, o mais crescido, revela-se fisicamente mais hábil e seguro de si, carismático e assertivo: dá mostras de ter um espírito dedutivo e quer ser engenheiro; João perfila-se mais anafado e corado, chorão e implicante com os amigos e irmãos, mas tem bom coração. Chica, diminutivo de Francisca e provável *alter-ego* da menina que a autora foi, corresponde à «queridinha», desastrada e travessa, que se tornará uma menina virtuosa. No que diz respeito aos adultos, a tia Valentina é apresentada como «a companheira das brincadeiras e a providência sempre pronta para valer em todas as aflições» dos sobrinhos (*Em Casa da Avó*,

12 Traduzimos o seguinte enunciado: «L'intrigue repose sur l'attente impatiente du châtiment ou la quête passionnée de la récompense», extraído de «La Comédie humaine de l'enfance», prefácio de Paule Constant, para *Comtesse de Ségur: Les Malheurs de Sophie et autres romans*, Editions de l'Archipel, Paris, 1999, p. 6.

1923: 11). A avó, matriarca que impõe respeito, não deixa de mostrar ternura, dedicação e sagesa, apesar do peso da idade e da doença; na mãe do trio, projeta-se um ideal da figura materna: piedosa, atenta e doutrinadora.

Os protagonistas de *O Querido Tio Gustavo* não diferem muito dos modelos propostos na série de ficção infantil. Vasco tem as prerrogativas do primogénito, Jorge e Duarte são muito parecidos com Manuel e João. Ainda assim, Jorge é mais distraído e Duarte, contestador e perspicaz. Marta representa a menina obediente, graciosa e prudente, ainda que reativa ocasionalmente. Margarida, a mãe dos quatro jovens, encarna a «expressão de bondade serena» (1925: 235) e o tio Gustavo tem «uma linda cabeça de profeta bíblico que fazia esquecer a sua figura grotesca» (1925: 27).

A mediação da família, com as suas tradições e a sua história singular, por um lado, e, por outro, o propósito pessoal de cada personagem, obtendo sempre respostas às suas perguntas, constituem os dois elementos que preparam o jovem para o seu futuro papel como depositário dos valores morais e garante da ordem social estabelecida. Neste sentido, Maria Francisca Teresa figura nos seus livros retratos tanto individuais como sociais, mas desenhados como «tipos» gerais (a mãe bondosa; a tia generosa e compreensiva; o primo divertido; o menino arrependido; a menina curiosa; o rústico manhoso; o tio-avô um tanto pateta...). Assim, mais do que tipos sociológicos (que também o são), os protagonistas dos livros de Maria Francisca Teresa apresentam-se sobretudo como feixes de características temperamentais sujeitas a um processo formativo de autodomínio, ao conjunto das quais se vincula a personalidade invariável da entidade ficcional.

Deste modo, coexiste nos seus textos, indubitavelmente, um equilíbrio narrativo, todo ele estatuído a partir do cruzamento entre dados sociais, traços de caráter e discurso piedoso, causado pela harmonia resultante das diferenças complementares entre as personalidades em cena consoante a sua faixa etária e o seu género. Quanto mais novo, mais propício ao subterfúgio e às ações disparatadas; quanto mais crescido, mais firme e consciente do seu papel social e moral. Se for uma

rapariga, será predestinada para a costura, a gestão do lar, o bom partido, a educação dos filhos, o bom-nome da família; se for um rapaz, dedicar-se-á a um percurso académico, à gestão dos bens patrimoniais, a uma briosa carreira profissional.

Neste sentido, a autora tem um cuidado especial com a diferenciação de assuntos consoante as idades e os sexos. No livro *Em Casa da Avó*, ainda que as primas adolescentes dos jovens protagonistas frequentem o colégio, dá a figura de proveta idade a seguinte explicação ao neto (1923: 92):

A AVÓ – (...), meu filho, rapazes e raparigas precisam, igualmente, de instrução; quer dizer, talvez que as raparigas precisam duma instrução diferente da dos rapazes, isso sim... Não precisam ir tão longe, como vocês vão, mas precisam de aprender muitas coisas que vocês não aprendem.

Embora afirme o direito das raparigas à educação e as apresente como complementares ao género masculino, a autora, por intermédio da sua personagem, não se afasta dos critérios ideológicos da época. Em *O Querido Tio Gustavo*, a voz do texto insiste na mesma visão do papel da mulher (1925: 34):

Fazia [Margarida] a Marta partilhar, desde pequenina, os seus afazeres de dona de casa, do que ela muito gostava. Em compensação de não estudar com muito proveito, sabia coser bem, remendar e fazer meia; talhava, com muito jeito, vestidos para as bonecas e ajudava a mãe a fazer roupa para as crianças pobres.

Em suma, dos elementos psicológicos que enformam as personagens, dois parecem ganhar maior realce: por um lado, as cambiantes psíquicas do ser em crescimento, exploradas nos livros *Em Casa da Avó*

e *Como Chica Conheceu Jesus*, e, por outro, a definição da personalidade individual, firmada numa ética da virtude e da responsabilidade, face aos constrangimentos sociais e existenciais, explorada em *O Querido Tio Gustavo*.

Diálogo de ficção como modo de escrita dominante

Nos três livros em apreço, o modo de comunicação privilegiado é o diálogo, mercê dos seus valores pedagógicos e da legibilidade que o recurso sistemático ao discurso direto proporciona. Concebido segundo a configuração do teatro escrito, o texto pode ser lido em voz alta, visto ter sido elaborado para ser dito.

Assim, as personagens definem-se não somente pela sua ação, mas também pela voz do texto e sobretudo pelas palavras que proferem. As falas explicam as intenções de cada uma delas e desvendam a forma como cada qual conceitua o mundo. Por exemplo, a Chica, de *Em Casa da Avó* –uma menina de três anos–, revela-se também através do seu idioleto, isto é, a totalidade dos seus hábitos de fala num dado tempo (em que se imita a linguagem infantil). É, pois, através da sua conduta e discurso que se manifesta a sua forte personalidade.

Além de captar mais facilmente a sua atenção, o que é dado a entender ao ouvinte ou ao leitor vai depender do efeito de verosimilhança que o diálogo consiga produzir, ao fazer avançar «em tempo real» a ação (Cervera, 1992: 233-235). No caso vertente, a autora domina a convenção desse mecanismo discursivo, doseia sabiamente as interações verbais que conferem ritmo à narração, empresta naturalidade e justeza à cena: com base nesses registos, o leitor conseguirá ajuizar de *motu proprio* as situações e as personagens. Uma vez apresentada a situação de comunicação pela voz do texto, as trocas verbais dão consistência a cenas que podem ser dramatizadas em casa do(s) leitor(es), à maneira de quadros vivos ou de representações teatrais, como o próprio texto faz ou sugere em certos episódios.

Como se constata pela leitura dos livros de Maria Francisca Teresa, de modo recorrente os diálogos testemunham encontros que são experiências pessoal e socialmente gratificantes, evidenciando uma sociedade organizada e estável. Neste sentido, face ao universo de consequências ponderáveis resultante do cruzamento entre as determinantes

sociais objetivas e a vida individual das crianças, os textos da escritora são habilmente atravessados pelo realce atribuído à vertente afetiva das personagens, quer na expressão de um arrependimento quer num gesto de ternura após uma arrelia ou uma travessura. Assim, a proeminência que a instância narrativa atribui ao trabalho de autocontrolo sobre as pulsões das personagens leva o leitor a deduzir que as lições que se podem tirar dos livros decorrem do efeito das boas relações no universo familiar e das amizades.

Ilustração e defesa de um ideal católico

A quarta característica que consubstancia os livros de Maria Francisca Teresa reside no que poderíamos designar por *ideal católico*, afirmado desde logo no título do seu segundo livro, *Como Chica Conheceu Jesus*, espécie de «catecismo» contado às crianças. O livro contém, aliás, um brevíssimo prefácio assinado por D. Manuel António Pereira Ribeiro, o então Bispo do Funchal, que lhe deu, desta feita, a sua abonação. Expressa-se o *ideal católico* pela afirmação de um estilo de vida regrado e aprazível e, concomitantemente, pela exposição narrativa desse modelo de vida, gerando, nas entidades ficcionais, um convencimento em relação ao que está certo ou errado, uma aceitação tácita do papel que se espera que eles venham a cumprir.

Note-se que, através da sua obra, a autora procura difundir, no que diz respeito à formação humana, uma ideologia da caridade, contraparte da injustiça e garante da ordem. O que torna esta nota significativa é o facto de os seus livros terem sido publicados em pleno período republicano. Em tal contexto assenta a reflexão sobre a educação, sendo que a autora, nesse processo de resistência da fé cristã, insiste na visão de sociedade constituída por homens de bem, empenhados numa obra caritativa. Na sua ótica, em consonância com o ideário do séc. XIX, somente uma educação católica teria um carácter completo, ao seguir os princípios de Deus.

Por isso, a tia Valentina, de *Em Casa da Avó*, proporciona aos sobrinhos lisboetas a possibilidade de visitarem a sua «*Colmeia Humana*, onde as *Abelhas* eram crianças de 8 a 15 anos que trabalhavam [na costura e no bordado] ativas, corajosas e contentes» (1923: 184). As in-

dustriosas meninas, que em casa e na rua costumavam ser «maltratadas e grosseiras» (1923: 187), eram encaminhadas para essa escola a fim de aprender «a limpeza, a ordem, a economia» (1923: 200). Tal exemplo ilustra, assim, maneiras de amparar as crianças de famílias desfavorecidas ou disfuncionais em prol da paz social, assegurando-lhes uma formação que lhes poderá valer (1923: 198). Em *O Querido Tio Gustavo*, de que a personagem que dá título à obra pode ser exemplo, a caridade cristã manifesta-se não só no gosto de partilhar e de ser agradável com o próximo, mas também na preocupação e no trato que as senhoras têm para com os pobres: a confecção de roupa ou a preparação de um jantar, que lhes é destinado no dia do aniversário de Vasco. Na verdade, o exemplo instala-se como lição inscrita na afetividade pessoal, no sentimento e na transfiguração do presente segundo as virtudes teológicas.

Assim, os livros para crianças de Maria Francisca Teresa fundem na memória dos leitores o lugar primordial que retoma invariavelmente a simples expressão do amor, da felicidade e da obediência, estes, sim, constitutivos da educação normalizada, porque ao interiorizarem-na, estarão reunidas as condições para garantir a estabilidade social que realiza em definitivo a vida familiar.

Da importância de contar histórias às crianças e do contacto que elas devem ter com os livros

Nos seus textos de ficção, Maria Francisca Teresa sublinha, através da inserção de histórias encaixadas, dos diálogos ou dos exemplos que as personagens oferecem, a importância de contar histórias às crianças. Ciente de que todo o conto tradicional se baseia num tipo de discurso calcado no imaginário de uma determinada cultura, a autora investe num repertório de fábulas que a sociedade fixa, selecionando contos e lendas que a sua escrita reconta em contexto de trama original, no sentido de difundir ideias que sustentam a sua mensagem e visão do mundo junto do seu público. É o caso de o primeiro e último livro, em que assistimos à variação da história do Valente, um cão fiel e corajoso, maltratado pelo dono, acabando, felizmente, por ser adotado por uma família que saberá estimá-lo.

Por isso, na linha da tradição pedagógica do manual de civilidade e do catecismo, a sua escrita valoriza cenas em que histórias são lidas ou contadas por um adulto a uma criança, pois ao fazê-lo abre-se a oportunidade de contribuir fortemente para a sua construção de identidade social e cultural. Não admira que as principais personagens adultas do seu universo literário se perfilam como ótimas contadoras de histórias, quer a Avó de *Em Casa da Avó – na ilha da Madeira*, quer a Madrinha, em *Como Chica Conheceu Jesus*, quer o tio-avó, em *O Querido Tio Gustavo*, que contam ou leem de forma expressiva narrativas aos mais pequenos, sabendo utilizar o livro como fonte ou instrumento ao serviço da imaginação, do conhecimento e da formação do juízo moral. Poder-se-á resumir o projeto educativo e literário da autora através da seguinte troca verbal, extraída do livro *O Querido Tio Gustavo* (1925: 31):

TIO GUSTAVO – (...). Era preciso ensinar-lhes, mas como?

VASCO – Por meio de livros de histórias bonitas e simples que eles pudessem compreender. Porque não faz um livro assim, tio Gustavo?



O Querido Tio Gustavo

O discurso literário de Maria Francisca Teresa sublinha a importância do contacto que as crianças devem ter com os livros. O livro, quer na sua vertente de obra de espírito quer na de obra material, emerge como um objeto sempre valorizado: numa livraria de Lisboa, vem um catálogo de livros para crianças; fala-se de um livro que «tem umas gravuras engraçadas». O livro é também visto como um belo presente ou uma companhia sempre disponível: «Os seus livros, deixou-os ele (o tio Gustavo) a todos os sobrinhos, para que, lendo-os, não sentissem a falta das suas histórias» (1925: 237).

Mediadora cultural inspirada na literatura europeia para jovens, a escritora quis pedagogicamente partilhar nomes e indicar títulos ao seu público recetor: os contos populares de Perrault e os dos Irmãos Grimm, o Aladin, de *As Mil e Uma Noites*, e o *Robinson Crusoe*, *Os Desastres de Sofia* e *As Meninas Exemplares*, da Condessa de Ségur, *Cinco Semanas em Balão*, de Jules Verne, *Les Idées de Liette*, de Jules Lemaître, *Sem Família*, de Hector Malot, bem como um álbum sobre a China de Judith Gauthier. Também refere um livro italiano, intitulado *As Duas Mães*, de Angelina Brocca, e outro, inglês, considerado «bastante interessante em que o herói é um cão chamado *Puck*» (1925: 177). Não se esquece de apontar a «Bibliothèque Rose», nem o escritor francês, Jean Macé, «que sabia muito bem escrever para as crianças» (1925: 60). Confere igualmente às suas entidades ficcionais preocupações culturais sérias, referindo Platão e a mitologia greco-latina, aludindo a Leonardo da Vinci, a Magalhães e a Velásquez, evocando Camões e Guerra Junqueiro ou recitando um poema de Eugénio de Castro. A autora destaca ainda a literatura de inspiração religiosa; retoma o conto «O Gigante Egoísta», a história bíblica dos Três Reis Magos, menciona o Catecismo, sobre o qual se diz que devia ser «o livro mais importante de todos» (1925: 142), relembra os *Mandamentos da Lei de Deus*, revisita algumas hagiografias e indica dois livros do teólogo Charles Wagner: *L'Ami* e *L'Évangile et la vie*.

O saber enciclopédico reproduzido e os textos e autores citados constituem, deste modo, um manancial relevante na elaboração da escrita da sua obra.

Visando um discurso narrativo acessível, sem nunca descuidar a linguagem e o estilo, o projeto literário de Maria Francisca Teresa parece conceber a eficácia da prática de leitura dos mais novos, se esta for desempenhada em simultâneo na sua função de distrair, instruir e elevar (no sentido de construir o carácter do jovem leitor).

Na sua obra, encena-se a comédia da infância favorecida e faz-se uso de vários registos discursivos: o conto moral, o catecismo, o manual de bons-costumes, a lição de coisas, histórias de animais. A autora procura explicar o mundo às crianças, através da História, da Geografia e da Religião, constituindo uma espécie de «tratado de saber-viver e de saber comportar-se» em voga nos meios literários femininos da época.

É certo a problemática dos defeitos morais constituir a principal abordagem da obra, recorrendo ao discurso piedoso e à moralidade por vezes fácil. Em vez de infundir ao jovem leitor um juízo crítico e ideias criativas, a voz do texto tenta propor modelos de conduta, visto, nos seus livros, a virtude ser sempre recompensada.

Neste sentido, dado o quadro ideológico e a imagem da família que propõe, estes textos dificilmente encontrariam eco junto de jovens leitores dos tempos atuais. Todavia, a obra de Maria Francisca Teresa não deixa de constituir um testemunho muito interessante quer do modo como se concebia os livros para a infância quer dos discursos educativos que os enformavam.

REFERÊNCIAS

CORPUS

- TERESA, Maria Francisca. *Em Casa da Avó -na Ilha da Madeira*. Lisboa. Livraria Clássica Editora. 1923.
- TERESA, Maria Francisca. *Como Chica Conheceu Jesus*. Funchal. Revista Católica «A Esperança». 1925.
- TERESA, Maria Francisca. *O Querido Tio Gustavo*. Lisboa. Livraria Editora Guimarães. 1925.

BIBLIOGRAFIA

- CERVERA, Juan. *Teoría de la Literatura Infantil*. Bilbao. Ediciones Mensajero/ Universidad de Deusto. 2^a1992.
- CHARTIER, Roger. Comunidades de leitores. *A Ordem dos Livros*. Brasília. Editora da UNB. 1999, 11-31.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. *Práticas de Leitura*. São Paulo. Estação liberdade. 1996, 77-106.
- CONSTANT, Paule. Préface La Comédie humaine de l'enfance. *Comtesse de Ségur. Les Malheurs de Sophie et autres romans*. Paris. Editions de l'Archipel, 1999.
- ELIAS, Norbert. *La Civilisation des mœurs*. Paris. Pocket, 2003.
- GOMES, José António. Maria Lamas: No rasto da Estrela do Norte. *Malasartes – Caderno de Literatura para a infância e a Juventude* 20. Porto. Porto Editora. 2010, 8-14.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do [Alfredo de Freitas Branco]. *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira - 3º período: 1910-1952*. Funchal. Câmara Municipal do Funchal. 1953. Vol. III.
- SILVA, António Ribeiro Marques da. Literatura Infantil na Madeira: *Em Casa da Avó* de Maria Francisca Teresa. *Isleña*, n.º 19. Funchal. DRAC. 1996, 108-109.